

**Mulheres vítimas de violência de gênero: Perfil sócio-demográfico
(Eunápolis-BA)****Women victims of gender violence: Socio-demographic profile (Eunápolis-
BA)**

DOI:10.34117/bjdv6n6-369

Recebimento dos originais: 15/05/2020

Aceitação para publicação: 15/06/2020

Flaviane Ribeiro Nascimento

Doutoranda em História Social do Brasil – UFBA

Professora do IFBA, *campus* Eunápolis – Brasil

Endereço: Eunápolis. Av. David Jonas Fadini, S/Nº, Rosa Neto - Eunápolis – Ba, Brasil.

E-mail: flavianeoribeiro@ifba.edu.br

Ivanildo Antonio dos Santos

Doutor em Ciências – USP

Professor do IFBA, *campus* Eunápolis – Brasil

Endereço: Eunápolis. Av. David Jonas Fadini, S/Nº, Rosa Neto - Eunápolis – Ba, Brasil

E-mail: ivanildo.santos@ifba.edu.br

Lívia Maria Dodds Angelo

Mestra em Educação – UFRN

Professora do IFBA, *campus* Eunápolis – Brasil.

Endereço: Eunápolis. Av. David Jonas Fadini, S/Nº, Rosa Neto - Eunápolis – Ba, Brasil

E-mail: livia.dodds@ifba.edu.br

Marcos F. SantosLicenciado em Matemática, IFBA, *campus* Eunápolis – Brasil.

Endereço: Eunápolis. Av. David Jonas Fadini, S/Nº, Rosa Neto - Eunápolis – Ba, Brasil

E-mail: profmfsantos@outlook.com

RESUMO

A violência que atinge as mulheres, especificamente motivada por sua condição de gênero, é um fenômeno que abrange indiscriminadamente pessoas de todas as classes sociais, cor, identidade étnico-racial e idade, fruto de relações sociais e de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, mas também entre as mulheres. No entanto, a despeito dessa violência atravessar a experiência das pessoas do sexo feminino indiscriminadamente, sabemos que condicionantes sócio-demográficos contribuem para entendermos os sentidos sócio-históricos dessa violência. Assim, este artigo tem por objetivo investigar o perfil das mulheres vítimas de violência na cidade de Eunápolis-BA que prestaram queixa-crime ou estiveram envolvidas em situações flagrantes (denúncias), no ano de 2013. Foi realizado um levantamento estatístico, com base nas informações constantes dos Boletins de Ocorrências, de variáveis que permitiram evidenciar o perfil das mulheres vitimadas e, portanto, vítimas em potencial, considerando os aspectos sócio-demográficos.

Palavras-Chave: Violência de Gênero; Perfil de Mulheres Vítimas; Eunápolis-Ba.

ABSTRACT

The violence that affects women, specifically motivated by their gender condition, is a phenomenon that indiscriminately covers people of all social classes, color, ethnic-racial identity and age. This situation is a result of historically unequal social and power relations between men and women, but also among women. However, despite this violence going through the experience of female people indiscriminately, we know that socio-demographic conditions contribute to understanding the socio-historical meanings of this violence. Thus, this study aims to investigate the profile of women victims of violence in the city of Eunápolis-BA. For this purpose, victims who filed a criminal complaint or were involved in flagrant situations in 2013 were taken into account. A statistical survey was carried out, based on the information contained in the Report of Occurrences. After that, variables pointing the profiles of women victims were analyzed and, therefore, disclose potential victims, considering socio-demographic aspects.

Keywords: gender violence; profile of women victims; Eunápolis-Ba.

1 INTRODUÇÃO

Identificar o perfil de mulheres vítimas de violência de gênero é tarefa política de denunciar um fenômeno que se dissemina por meio da ideia de dominação de um suposto sexo forte sobre um suposto sexo frágil em situação potencial de violência/vulnerabilidade. E avaliar as condições sócio-históricas que marcam essa experiência permite intervenções, sobretudo nas avaliações das políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres, de modo a torná-las mais eficientes e eficazes.

Tendo em vista a construção do perfil das mulheres vítimas de violência na cidade de Eunápolis-Ba, no ano de 2013, quando o município figurava entre os mais violentos (número de homicídios) do Estado do Bahia e do Brasil (WAISELFIQS, 2014), considerou-se o conceito de violência adotado no âmbito das políticas públicas para as mulheres, que foi construído na Convenção de Belém do Pará no ano de 1994. A dita Convenção considera como violência, para fins de estudos contra a mulher, qualquer ação ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico, tanto no âmbito público como no privado (CONVENÇÃO, 2015).

O conceito de gênero, pois, é uma ferramenta analítica importante, haja vista a compreensão de que às relações desiguais e sulbalternizadoras entre mulheres e homens se justapõem às relações de gênero, porque um elemento historicamente constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e que se expressam na forma

de violência (SAFFIOTI, 1995; SAFFIOTI, 2004). Assim, para os objetivos deste estudo, entende-se que a violência que atinge as mulheres é uma manifestação da violência de gênero, posto que praticada contra o sujeito do sexo feminino, tem lastro nas desigualdades sexuais e de gênero e somente inteligíveis à luz das relações entre homens e mulheres, bem como dos contextos sociais, políticos e culturais da(s) masculinidade(s) e da(s) feminilidade(s).

2 METODOLOGIA

Para realizar a construção do perfil das vítimas de violência e, portanto, a identificação de quem são essas mulheres, construiu-se uma ficha de coleta de dados sócio-demográficos, étnico-raciais, etários, dentre outros aspectos. Esses dados foram colhidos nos Boletins de Ocorrência (B.O.) junto aos registros do Departamento de Polícia Civil de Eunápolis-Ba (DPCE). As informações foram tabuladas no Microsoft Excel®, visto que o mesmo possibilita a construção de tabelas e gráficos de conteúdo estatístico que permitiram uma análise comparativa e estatística, possibilitando leituras e inferências à luz de bibliografia especializada sobre o tema e de outros levantamentos estatísticos, como o Mapa da Violência.

Para o tratamento estatístico dos dados foi de fundamental importância a análise quali-quantitativa (SOUZA, 2018), à luz do conceito de violência de gênero, dos dados encontrados para o município de Eunápolis-Ba comparando-os a outras realidades de perfis sócio-históricos semelhantes e diferentes, possibilitada pelo Mapa da Violência, que, por outro lado, também contribuiu na leitura, interpretação e significados das informações obtidas para o município no universo da violência praticada contra a mulher no Brasil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil das mulheres vítimas de violência em Eunápolis, no primeiro semestre de 2013, foi construído por meio dos dados colhidos na DPCE, os quais se referem à violência física, psicológica, moral e patrimonial, em grande medida realizadas em âmbito doméstico. Esses dados foram provenientes dos registros de ocorrência gerados de queixas-crime procedidas pelas vítimas e decorrentes de denúncias de outrem. Para o período citado foram coletadas e tabuladas quinhentas e dezoito (518) fichas referentes a quinhentas e dezoito (518) mulheres, a partir das quais foram gerados gráficos, objetos das análises que seguem. De modo que serão apresentadas as variáveis e suas incidências, além da discussão dos seus respectivos significados.

Com relação à variável Idade foi identificada a faixa etária das vítimas e, para melhor visualização e análise gráfica, os dados obtidos foram subdivididos em faixas etárias por meio da distribuição em intervalos de classes considerando a fórmula de Sturges (FONSECA e MARTINS, 1996), utilizada para determinar a quantidade de classes a serem analisadas. O gráfico da Figura 1 apresenta os resultados obtidos para essa variável. Ressalta-se que a barra “>38” é resultante da junção de todas as classes com idade maior que 38 (trinta e oito) anos (oito classes no total).

Por meio do gráfico da Figura 1 observa-se que as faixas etárias mais incidentes são dos 18 a 22 anos até 33 a 37 anos, que somam 73% das vítimas. Nessa faixa-etária a mulher está no ápice de sua juventude e da sua vida sexual. É provável que nesse

período ela já possua vínculos afetivos de alguma natureza (namoro, casamento, união estável, ou relações sexuais-afetivas esporádicas). É justamente nessa faixa-etária que a mulher está mais suscetível à violência. Esse dado está em consonância com o mapa da violência do ano de 2012 (WAISELFIZS, 2014), que também identifica essa incidência.

Figura 1: Faixa etária das mulheres que registraram B.O., ou que foram encaminhadas a Delegacia por meio de flagrantes ou denúncias. Fonte: B.O do DPCE.

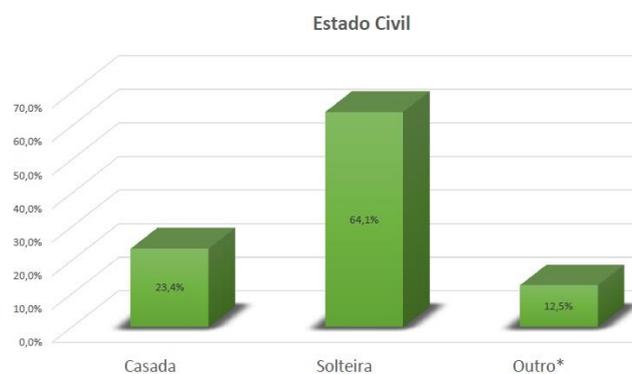


Sobre o estado civil dessas mulheres, observa-se pelo gráfico da Figura 2 que a maior predominância está na variável Solteira, embora isso não signifique que elas não possuíssem vínculos afetivos-sexuais com alguém, um suposto companheiro-agressor.

Ao identificarmos o/a agressor/a, temos que em 44,3% dos casos são Companheiros/Ex-companheiros e 22,0% contabilizam Amigos/Conhecidos, todos do sexo masculino. O que indica que os companheiros e ex-companheiros foram, na maioria das vezes, o agressor, sobretudo se cruzarmos essas informações com os dados do gráfico da Figura 2. Além disso, conforme apresenta o Mapa da Violência (2014), o Companheiro/Ex-companheiro é, na

maioria dos casos, o agressor, porém, existe também um número considerável de casos para a variável Amigo/Conhecido. Ao observar essa co-incidência para Eunápolis, bem como realizar o cruzamento dessa informação com outras, como a idade das vítimas, por exemplo, observa-se que a violência de gênero é constituinte de um determinado idioma da masculinidade, notadamente da “masculinidade hegemônica” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) que se expressa(va) de forma mais efetiva em determinadas circunstâncias.

Figura 2: Estado Civil das mulheres que registraram B.O., ou que foram encaminhadas a Delegacia por meio de flagrantes ou denúncias. Fonte: B.O do DPCE.

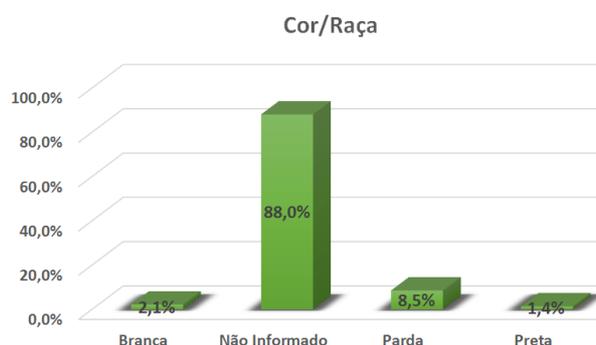


Os dados sobre escolaridade foram analisados ao lado das informações sobre ocupação, pois entende-se que o grau de escolaridade condiciona o ingresso no mundo de trabalho (empregabilidade e salário, notadamente), e, portanto, nos permitiu especular se o fato de a mulher possuir ou não independência financeira a faz vítima potencial de violência ou não. Dos dados sobre Escolaridade temos que, das mulheres vítimas de violências nos registros da DPCE em 2013, 89% frequentaram a escola, das quais apenas 2,9% são analfabetas (0,5% não informa), 47,4% têm ensino médio completo ou incompleto e 11,1% têm ensino superior completo ou incompleto. Esse dado sugere que, decerto, a escolarização das vítimas tenha potencializado a denúncia – tendo em vista nosso *corpus* de análise -, tanto por conta do acesso à informação relativa ao debate de gênero e de direitos, quanto pelas chances de a mulher (e o homem) ingressar no mundo do trabalho, ampliadas pelo capital educacional. Esse último aspecto pode ser observado a partir das variáveis Emprego/Ocupação e Renda, já que 92,9% das mulheres vitimadas estavam empregadas ou possuíam alguma renda. Sendo assim, é provável que essa mulher-vítima-denunciante - maioria dos casos encontrados na DPCE - em

situação (ou com possibilidade) de autonomia financeira, seja a que mais denuncia o companheiro-agressor.

A respeito dos dados de Cor/Raça das vítimas houve dificuldades em determinar a incidência dessa variável, visto que na maioria dos boletins de ocorrência analisados não consta essa informação, gerando, assim, um grande número de Não Informado, como mostrado na Figura 3.

Figura 3: Faixa etária das mulheres que registraram B.O., ou que foram encaminhadas a Delegacia por meio de flagrantes ou denúncias. Fonte: B.O do DPCE.



No entanto, ao se analisar as variáveis que aparecem, as mulheres negras e pardas somam, exatamente, 9,9%, um número aproximadamente 5 (cinco) vezes maior que o número de mulheres brancas que foram vítimas de violência (2,1%). Esses números indicam que mulheres negras e pardas estavam mais vulneráveis a serem vítimas de violência de gênero. Conforme o mapa da violência do ano de 2012 (WAISELFIZS, 2015), as mulheres negras/pardas também são, proporcionalmente, as maiores vítimas de homicídios. Nesse ano, na Bahia, morreram 41 brancas e 360 negras, numa curva ascendente ao longo dos anos, quando para as primeiras é descendente. Esses dados nos levam a inferir que as mulheres negras estão, historicamente, em maior número e proporcionalmente em situação de violência. Importa notar que, ao que parece, mesmo quando os processos sobem a outras instâncias a inobservância desse aspecto continua, como observaram Lima e Souza (2019) ao analisarem os processos do Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, de Jataí-GO.

Os poucos dados de violência que geraram registros na DPCE nos limitam, porém, a fazer deduções mais assertivas sobre a variável cor/etnia, mas sugerem que, se as mulheres negras são historicamente as que estudam menos e ganham salários menores, se comparado às mulheres brancas (Cf. MAIA; *Et Al.*, 2017), são também as que menos casam formalmente, as que em maior número moram afastadas do centro ou nas zonas periféricas, distantes dos

equipamentos de assistência, de saúde e de delegacia, são elas as mulheres em maior situação de vulnerabilidade, inclusive, à violência de gênero.

Um aspecto a ser destacado com relação a essa variável é o grande número de não registro nos boletins de ocorrência, que sugerem não haver uma rotina seguida por todos os profissionais envolvidos ou/e, quiçá, tentativa de invisibilização/silenciamento deliberado dessa variável, inferências que ainda carecem de maior investigação, mas que, por certo, implicam nos diagnósticos que sustentam a proposição e realização de políticas públicas de atenção à mulher e de enfrentamento à violência.

4 CONCLUSÕES

De acordo com os dados coletados e tabulados provenientes dos autos da DPCE, concluímos que as mulheres que foram vítimas de violência em Eunápolis-Ba, no primeiro semestre do ano de 2013 - que denunciaram a violência ou estiveram envolvidas em casos de flagrante delito - eram, em sua maioria, pardas e negras, estavam na faixa etária entre 18 a 37 anos, possuíam ensino médio completo, tinham renda ou estavam empregadas, eram, em grande medida, solteiras, mas provavelmente vivendo em relações afetivas-sexuais consensuais com homens, geralmente seus agressores. Ressalta-se, no entanto, que esse perfil contempla, sobretudo, as mulheres-vítimas-denunciantes, mas permitem inferências sobre as mulheres que são potencialmente vítimas de violência de gênero.

AGRADECIMENTOS

As/Os autore(a)s agradecem ao IFBA e a FAPESB pelo apoio no desenvolvimento da Pesquisa.

REFERÊNCIAS

CONVENÇÃO Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher. (Convenção de Belém do Pará). Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/convencao_belem_do_para.pdf>. Acesso em 24/01/2015.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. *Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito*. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013. pp. 241-282.

LIMA, Carvalho Ferreira Lima; SOUZA, Naiana Zaiden Rezende. *Mulheres em situação de violência: mapeamento na comarca de Jataí/GO*. IN: **Brazilian Journal of Development**. V. 4, N.12 (2019). p. 29110-29129.

MAIA, Katy; SOUZA, Solange de Cassia Inforzato de (*Et. Al.*). *Discriminação salarial por gênero e cor no Brasil: uma herança secular*. In: **Revista Espacios**, Vol. 38 (Nº 31) Año 2017. Disponível em <https://www.revistaespacios.com/a17v38n31/a17v38n31p16.pdf>. Acessado em 27 de janeiro de 2020.

SAFFIOTI, H.I.B. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H; ALMEIDA, S.A. **Violência de Gênero**. Rio de Janeiro, Revinter, 1995.
SOUZA, Marcelo Pereira. *Perspectiva quali-quantitativa no método de uma pesquisa*. IN: **Anais - 8º Encontro Internacional de Formação de Professores / 9º Fórum Permanente de Inovação Educacional**. V. 11, n.1, (2018). Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/8668/4096>. Acessado em 27 de janeiro de 2020.

WASELFIZS, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012**. Homicídio de Mulheres no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2014.

WASELFIZS, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014**. Homicídio de Mulheres no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2015.

FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. **Curso de Estatística**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.